



Assinaturas—Barcellos 2 mezes 200 rs.—Fôra de Barcellos 6 mezes 700 rs.—Composto e Impresso—Typ. "Centro de Novidades,"—Barcellos

Portugal economico

PORTUGAL é por excellencia o paiz mais prendado, a que um bom patriota se pôde orgulhar de pertencer.

A amenidade do seu clima, a variabilidade de produções do seu solo, o vasto campo d'acção das suas colonias, conjuntamente com as posições estrategicas que occupam, fazem com que este paiz seja alvo dos olhares cubicosos dos grandes potentados.

Portugal foi grande, cheio de poderio e força, quando tinha á frente dos seus destinos, homens que offuscavam, pelo seu senso pratico, pelo talento e pela sua energia.

Está-se num estado hypnotico, é preciso accoradar porque, a nossos pés, se abre um abysmo insondavel.

Portugal é pobre, pouco instruido e respeitado, mas tem forças sufficientes, para em pouco tempo ser rico, instruido e respeitado.

Todos podem ver, ou podem conceber, o que é um capital immenso nas mãos de individualidades, que não têm tactica administrativa.

O que se vê finalmente, é os governos crearem mais despesas que receitas, portanto o grande desequilibrio cada vez mais saliente: augmento da divida externa e interna.

As receitas entre nós só se adquirem á custa do sacrificio do pobre contribuinte; quando o paiz é dotado de grandes torças naturaes, que só por si representam grandes fontes de receita. Dispendam-se energias bem orientadas e explorem-se essas riquezas desprezadas, porque um estado para se sustentar no concerto das nações, precisa produzir.

A agricultura será sem duvida uma das principais fontes de riqueza, mas para isso precisa-se do concurso bem orientado do governo, auxiliando o proprietario, fornecendo-lhe quantias com a garantia necessaria, para os melhoramentos que se julgassem necessarios e de utilidade pratica; ficando a cargo do proprietario, o pagamento durante um praso longo da quantia levantada e d'um pequeno juro.

Tudo isto se conseguiria pela fundação d'um banco agricola nacional, regido por uns estatutos bem elaborados; podendo dispôr d'um pessoal competente e perfeitamente habilitado, na direcção pratica de todos os trabalhos, que estariam sujeitos a uma rigorosa fiscalisação, tendentes á introdução dos progressos nos diversos ramos agricolas.

Fundar estabelecimentos de ensino agricola, para admittir gratuitamente o maior numero que fosse possivel de rapazes pobres da região, ou localidade, aos quaes o ensino seria ministrado de harmonia com as condições especiaes da localidade.

O fim principal a visar, seria a obtenção de individuos, trabalhadores e ao mesmo tempo dirigentes, em que se podesse confiar.

Os problemas agricolas dum paiz como o nosso, representam a base da sua situação economica; pois que a Agricultura é em Portugal a maior fonte de riqueza.

Todas as atenções deviam convergir sobre ella; porque a selecção dos nossos productos agricolas não encontra rival no mundo.

A má orientação agricola, terá sempre como consequencia, um grande desequilibrio entre a importação e exportação.

INFLUENCIA DAS FLORESTAS SOBRE O CLIMA

PARECERÁ à primeira vista, que a distribuição dos bosques ou florestas não terá uma tão grande influencia, na moderação dos climas. Já dizia Babinet, que uma matta vale mais que uma montanha. Humboldt e Boussingault, que estudaram minuciosamente, as aguas que alimentavam os lagos da America e Europa, concluíram que o desaparecimento das florestas, diminuí d'uma maneira bastante sensível, a agua que corre á superficie d'um paiz.

Foram Mathieu e Ebermayer, que estudaram a floresta, sob o ponto de vista da sua acção benéfica, sobre o clima e salubridade das populações.

A atmosphera da floresta, é muito menos quente que a do campo.

Uniformiza a temperatura média annual, fazendo com que no verão seja mais fria, e no inverno mais quente. Se entramos de noite n'uma floresta, sente-se o ar muito mais quente e abafado, de dia muito mais suave e fresco.

Estabelece-se uma corrente de dia, da floresta para o campo, e de noite do campo para a floresta.

A humidade relativa é maior na floresta do que no campo. O ar, muito mais frio, baixa o ponto de saturação, e o vapor d'agua condensa-se mais facilmente.

Como consequencia as chuvas são mais abundantes na floresta, não só de inverno; como no verão e outomno.

A agua das chuvas deslisando pelas folhas, desprende-se gotta a gotta, dando tempo a uma infiltração mais regular. A que fica nas folhas toma o estado espheroidal, em que difficilmente se evapora. Deprehende-se de tudo isto, que a evaporação da floresta, é muito menos do que em qualquer campo.

Segundo a opinião de grandes sabios francezes, as ultimas inundações, têm o seu principal agente, na grande desarborisação que se tem feito em todos os continentes.

A floresta regulariza as correntes de agua, impedindo as grandes cheias de in-

verno e combatendo a seccura no verão.

Evita a formação de ravinas, e dá mais abundancia de nascentes e aguas potaveis.

Influe sobre a direcção dos ventos, moderando a sua velocidade e temperatura.

A floresta purificando o ar, representa um grande papel na hygiene e salubridade publica.

Explica-se que o eucalypto tenha uma acção bastante purificadora, no desenvolvimento de ozone, produzido pela evolução da planta.



Mais Forte que a Soberba

TRADUÇÃO LIVRE DE A. C.

O dia estava chuvoso e triste; os caminhos convertidos em charcos lamacentos onde volteavam vermes; as telhas chorosas, baços os vidros das janellas.

Cacilda, sósinha no moinho, peneirava maquinalmente a farinha, interrompendo o seu trabalho quando a campainha do moinho annunciava que o grão estava convertido em branco pó. Ia despejar outro sacco, e voltava á sua tarefa e ás suas meditações.

Cacilda podia ser feliz. Chegando-se á porta do moinho, todos os campos que a um e outro lado se extendiam eram seus. Nova, bonita, livre, cortejada pelos melhores moços da aldeia, estimada pelos seus vizinhos, sem familia que lhe causasse pezares, sem inimigos e com uma saúde á prova de molhadellas e de soes ardentes.

Que mais poderia desejar? Pois alguma coisa lhe faltava, sem que o seu orgulho lhe permitisse reconhece-lo.

Cacilda era orgulhosa, e em tal extremo, que esta paixão tinha-se apoderado de todo o seu ser.

Reconhecia-se por aquelle frio olhar com que media todos os homens, desde o novo doutor da freguezia, que lhe fazia a côrte com a mira nos seus moinhos, até ao humilde jornaleiro, a quem justava para as cegadas.

Quando alguma solícita vizinha alcoviteira lhe fallava na necessidade de procurar marido, erguia-se como se lhe tivessem dirigido o maior insulto.

Para que me hei-de casar? — dizia ella altivamente.

Que necessidade tenho de arranjar um homem

Dos nossos poetas

AVÉ MARIAS

*Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Ha tal solurnidade, ha tal melancholia,
Que as sombras, o bulicio, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de soffrer.*

*O ceu parece baixo e de neblina,
O gaz extravasado enjôa-me, perturba;
E os edificios, com as chaminés e a turba
Toldam-se d'uma côr monotonu e londrina.*

*Batem os carros d'aluguer, ao fundo,
Levando á via ferrea os que se v.ão. Felizes!
Occorrem-me em revista exposições, paizes:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!*

*Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações, sómente emmadeiradas:
Como moregos, ao cahir das badaladas,
Sallam de viga em viga os mestres carpinteiros.*

*Voltam os calafates, nos magotes,
De jaquetão ao hombro, enfarruscados, seccos,
Embrenho-me, a scismar, por boqueirões, por beccos,
Ou erro pelos caes a que se atacam botes.*

*Descalças, nas descargas de carvão,
Desde manhã á noite, a bordo das fragatas;
E apinkam-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe pôdre gera os focos de infecção!*

*E evoco, então, as chronicas navaes:
Mouros, baixéis, heroes, tudo resuscitado!
Lueta Camões além salvando um livro a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei jamais!*

*E o fim da tarde inspira-me; e incommoda!
De um couraçado inglês vogam os escaleres;
E em terra num tinir de louças e talheres
Flammejam, ao jantar, alguns hoteis da moda.*

*Num trem de praça arengam dois dentistas;
Um tropego arlequim biaceja numas andas;
Os cherubins do lar fluctuam nas varandas,
As portas, em cabello, enfadam-se os logistas!*

*Vasam-se os arsenaes e as officinas;
Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;
E num cardume negro, herculeas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.*

*Vem sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, d cabeça, embalam nas canastras
Os filhes que depois naufragam nas tormentas.*

(1) Cesario Verde

D' «O Livro de Cesario Verde» (1901)

(1) Um dos nossos poetas mais originaes. — A sua poesia quer ter sobretudo um forte cunho de bizzarria e de verdade. — E muitas vezes consegue traduzir em versos soberbos de som e côr trechos admiravelmente veaes da vida. — A sua arte tem um grande poder descriptivo e evocador. — E assim ha poesias suas que lembram deliciosas e leves aguarellas.

que se aposse dos meus moínhos e das terras que herdei de meus paes? Acaso não saberei eu só governar tudo isto? Não percorro as minhas propriedades, não inspecciono os trabalhos, não pago as contribuições, não vou ás feiras, examino, discuto, reprovo e disponho com o mais entendido?

E diga-me vocemecê; quem me enganou até hoje nos meus contractos, quem se riu das minhas disposições, quem me incommodou com impertinências?

Chamei-a alguma vez, por acaso, para lhe pedir conselhos?

O que vocemecê quer é que eu me case com o

fidalgo do doutor que, sem duvida, lhe terá feito boa promessa para quando chegue a mandar no que não é d'elle!

E a *boa vizinha*, sem dar-se por offendida, ia, sorratamente, contar ao sr. doutor a recusa de Cacilda.

Os recados que o doutorinho lhe mandou, os ditos que lhe dirigiu, as encobertas galanterias e o futuro deslumbrante que fez apparecer ante seus olhos, não são para commentarios. Até que um dia, Cacilda, dando largas á sua soberba, o deixou amedrontado.

E que necessidade tenho eu de uma vida problematica em casa alheia, se vivo por direito proprio e tão socegada, na minha? Para que buscar a convivencia com senhoras que me hão-de olhar por cima do hombro? Desengane-se, senhor doutor, ainda não nasceu o homem que me ha-de governar. Não necessario de honras, carinhos nem grandezas. Para ser ditosa bastam-me os bens e a reputação que possuo.

Ai, Cacildinha, que quando o amor chama...! — replicou o velhaco, com um suspiro profundo.

A aldeã perompeu n'uma gargalhada estrondosa.

O amor? Me rio eu d'elle quando se tem o coração bem guardado com o dinheiro ao canto do bahú!

E recommçou as suas gargalhadas ruidosas, desafiantes, que foram repetidas pelos zombeteiros ecos dos montes circumvisinhos. A onda sonora repercutiu-se e estendeu-se até que roçou, ao passar, a rama de um arbusto em flor. Na sua copa, uma creança, dormia, mas o ligeiro roçar fe-la despertar; estirou os bracitos e esfregando os olhos, fez um gesto de creança aborrecida. Era no momento em que Cacilda repetia desafiante: O amor? Me rio eu d'elle...

Indignou-se Cupido, examinou a sua aljava e pegando em duas flechas floridas, dirigiu dextramente a pontaria ao coração da aldeã. Pôz a segunda no arco e apontou ao doutor; mas distrahido, como uma creança que era, pelo voar de uma mariposa, dirigiu para outro lado a flecha, que foi cravar-se no peito do André da tia Antonia.

Quando Cupido, satisfeita a sua vingança se dispunha a deitar-se para continuar o seu somno interrompido, caminhava o joven doutor cabibaixo pela estrada fóra; e allí a meio do caminho, destacando-se nitidamente sobre um fundo de verde folhagem, ficavam a mulher mais rica e or-

gulhosa e o moço mais poëre e ativo da aldeia.

Olharam-se em silencio, por uns instantes, querendo desvendar um ao outro o intimo da sua alma, ella timida e receiosa, elle firme e sereno. Era um duelo encarniçado, o de aquelles olhares que se batiam. Depois, como de commum accordo, ambes fitaram o solo por uns instantes, olharam-se de novo e n'um esforço supremo seguiram os seus oppostos caminhos.

Eis aqui porque Cacilda suspirava profundamente enquanto peneirava a branca farinha.

Muitissimas vezes se tem encontrado com André, mas não se olham. Se por casualidade, ou, melhor dito, por esse imã que atrahê duas almas feridas com o mesmo *ferro*, seus olhos se encontram, volvem o olhar ao chão, ao mesmo tempo, muito confusos.

Quando a moleirinha, como activa dona de casa, se senta á tarde a repartir a merenda aos seus trabalhadores, treme a sua mão e apaga-se a sua voz, ao offerecer o copo de vinho ao distrahido moço, a quem tem de chamar á attenção com um covarde «toma André».

Cacilda julgava que aquella vida poderia assim durar sempre. De manhã cedo pegava n'uma cesta e ia á horta cortar hortaliças, fazendo tempo para que André passasse com a sua remendada jaqueta e os seus pesados sócos, levando ao hombro as ferramentas.

Sem se olharem, seguia elle o seu caminho, cortava ella as suas hortaliças e regressava a casa. Varias vezes durante o dia ia vigiar o trabalho, e sempre encontrava o moço inclinado para a terra, levantando grandes torrões que virava e desfazia com vigorosas enchadadas. Que musculatura de Hercules!

Quem diria que aquelles fortes braços feitos para guiar o arado, eram os mesmos que com suaves movimentos levavam de um lado para outro a pobre tia Antonia, a infeliz paralitica!

André professava um arreigado carinho a sua mãe. Todos os domingos a levava nos seus braços á missa, sentando-a a um cantinho, e de pé, ao seu lado, attento ao seu menor movimento, parecia a arvore vigorosa sustentando a era rachitica.

Quanto ganhava era para proporcionar o bem estar da pobre anciã que se ia apagando docemente, até que um dia fechou os seus olhos sorrindo, dando a sua ultima benção ao filho, que a recebeu chorando e cubrindo de beijos a mão já quasi fria. Contrahiou dividas para a sepultar decente-

BARCELLOS



Um trecho do rio Cavado

mente e de joelhos sobre a humilde sepultura, contava a sua mãe o pesar e a saudade immensa que o consumia.

Um dia foram dizer a Cacilda que André ia para o Brazil! Terminava o doce idílio dando começo ás amorosas amarguras.

Era preciso despedir-se para sempre d'aquelle bello rosto onde resplandecia a honradez e a nobreza.

Adeus muda adoração do seu olhar, doce carícia da sua expressão!

Voltaria elle de lá...?

Cacilda arrumou bruscamente a peneira e chegou-se á janella.

O ceo estava nublado como o horizonte da sua vida!

A soberba triumphava. Meu Deus! Que diria a gente se me casasse com elle? O moço mais pobre da freguezia, um jornaleiro!

Ouviu-se o tropear de uns sócos, e um homem entrou quasi dobrado pelo peso de um sacco de milho coberto com um rude oleado amarello.

Pousou a carga lentamente, enchugou a agua que lhe corria pelo rosto.

Era André.

Cacilda nem tinha reparado que chovia.

Queres castanhas? — perguntou-lhe com voz tremula.

O moço dirigiu-se á lareira e mettendo a colher de madeira no pucaro, tirou-a cheia de castanhas fumegantes, que se poz a comer em silencio.

Cacilda arrumou os bancos, enchutou o gato que dormia junto ao rescaldo e depois de dar algumas voltas, distrahida, parou deante do moço retorcendo entre os nervosos dedos a ponta do avental.

Elle fazia riscos no chão terreo com uma varinha.

—Não sabes André? — começou a moleirinha com voz afogada.

Disseram-me que vaes para o Brazil.

—Vou.

—Disseram-me que te tihas tornado ambicioso e que ias em busca de fortuna.

—Ou da morte! — replicou em voz triste.

—Disseram-me que te parecia pequena a tua aldeia, aridas as suas montanhas, a tua patria aborrecida, e que desprezando-nos a todos, ias para não mais voltar.

O moço fitava o lume sombriamente, e deixou-a continuar.

—Disseram-me que se fechará a tua casinha e crescerão cardos no teu eirado, que o teu carro se desfará debaixo do coberto e brotarão ortigas eervas más, na sepultura de tua mãe.

Poz-se violentamente de pé e com voz abafada, em que vibrava a paixão e a colera, disse :

Calla-te infame! Não te disseram tambem que tu não tens direito a occupar-te da minha vida? Não te disseram que ao pobre André ninguem chorará, quando deixe a sua patria? Não te disseram que está sem dona a sua casinha, o seu carro sem bois, o seu eirado sem flores nem fructos? Não te disseram que a pobre velhinha, chorando na sua sepultura me diz com voz queixosa : « Foge André ; foge d'essa paixão. E fallas da minha partida ! Acaso isto te importa ? Menos que a mim esta vara que atiro para as brasas . . . »

Da mesma forma que os tições despiram a sua capa branca de cinza e avivaram o fogo para incendiar a fragil varinha que o moço lhes arrojára, assim a gentil moleira pondo de lado a sua altivez, mostrou ao pobre jornalista a paixão que em seu peito existia e com voz acariciadora e ao mesmo tempo supplicante, disse :

—André, queres pôr os meus bois ao teu carro, plantar no teu eirado as minhas arvores, reedificar a tua casa com as minhas madeiras e cubrir a campa de tua mãe com as camelias dos meus moínhos? Estou tão sosinha, André. Se tu me foges, perco o meu unico amigo, a unica pessoa que me ama desinteressadamente.

André dirigiu-se á porta resolvido a fugir; mas o travesso Cupido não satisfeito com essa vingança, abriu os crivos ás nuvens e a agua cahiu a jorros, inundando os caminhos.

Bem dita agua que os teve prisioneiros allí durante algumas horas, escutando o gotejar das telhas, o monotono sussuro das pedras do moinho e o compassado *tic-tac* dos seus corações baten-do juntos . . .

Emma Calderon de Galvez.

De relance

Benemerencias

Benemeritos não são só aquelles que os jornaes apontam. Ha-os, que sob o mais rigoroso incognito, soccorrem muitos desgraçados e auxiliam ou criam casas que incalculaveis serviços prestam á humanidade.

Nós temos ali um homem que é d'estes. Todos segredam o seu nome, mas ninguem se atreve a pronuncia-lo em publico.

Nós tambem o não dizemos ; mas é certo que todos o sabem, todos fallam n'elle e na sua obra, muito baixinho e quasi que só em familia, de modo que até as paredes o não ouçam, — e tudo isto para o não ferir na sua excessiva modestia.

E por que se procede assim ? E por que se diz só em segredo o nome d'esse homem que todos admiram e que bem merecia a consagração a que tem incontestavel direito ?

—Elle é modesto — diz-se — e magoar-se-hia se seu nome corresse mundo e fosse levado a ser galardoado pelo povo com as honras de **Benemerito** !

E' a sua vontade que impera ; é a sua modestia que se impõe e que evita a manifestação clara da admiração extraordinaria que conquistou pelo seu rasgo de generosidade — qual foi o ter **dado 50 contos** para a criação d'um *Asylo Escola Agricola* !

Pois se assim é, respeitamos-lhe tambem a modestia.

A modestia ! E' essa modestia, por todos os motivos digna d'applauso, que encobre um grande coração !

Essa modestia respeita-se-lhe. Mas a verdade é que, por muito menos, um homem é elevado á cathegoria de benemerito.

Fique-nos apenas a honra, o orgulho de nós todos, por termos um barcellense que deu **50 contos** para a criação d'uma instituição que muitos serviços pôde prestar á sociedade, educando rapazes a trabalhar na agricultura, n'esse rico manancial que pôde ainda tornar feliz a nação Portugueza.

*
«Pina Manique, o intendente de detestavel memoria, o magistrado que durante o seu periodo governativo commetteu nil arbitrariedades, sacrificando centenaes de victimas ao seu odio insa-

A meu irmão

*Na lide incerta e bavra d'esta vida,
Eu sempre caminhei a passo e passo,
Com a nobresa calma e decidida
De quem só conta com o proprio braço.*

*Olhei p'ra Mim, luctei e de vencida
No peito suffoquei o Tédio baço,
E vi, com que alegria commovida!,
Que as aves nunca choram pelo espaço.*

*Creaturas de Deus! Do ceo distante,
Brilha, na mal desfeita cerração,
A estrella que afinal me ha-de guiar.*

*Assim se te desfaça n'um instante,
Tão breve quanto eu quero, ó meu Irmão,
A nevoa que enverôa o teu olhar!*

(D'um livro a sair)

JOÃO DE LEBRE E LIMA.

ciavel e feroz,» foi um tyranno porque nunca teve benevolencia nem perdão. Porem esse mesmo homem e porque creou uma casa de caridade e lhe arranjou legados, esse homem foi considerado **Benemerito**. Um só acto, talvez que o ultimo da sua vida, bastou para que elle merecesse a admiração e louvor de todos.

E se este homem, que teve um pasrado que o tornara odiado, por um só acto mereceu a consagração de **Benemerito**, quantas vezes deve ser Benemerito o homem que creou e dotou um Asylo e que tem praticado, e pratica, identicos actos de generosidade?

O fundador do *Asylo Escola Agricola*, não quer que se lhe chame **Benemerito**: mas é-o, embora em segredo se lh'ò chame.

O illustre Conde de Agrolongo, esse cavalheiro que todos respeitam e admiram, é tambem um benemerito, um modesto como aquelle, a quem os louvores ferem, mas que não poude evitar que a imprensa lhe dissesse o nome. Em principio, talvez que o seu nome fosse tambem pronunciado em segredo; mas tantos foram os seus actos de generosidade, que esse nome teve de apparecer nas columnas da imprensa, para que a enorme massa dos beneficiados lhe erguesse esse pedestal em que o poseram como **Benemerito**, e muito justamente.

Por este facto, não estranhará o illustre barcelense que, no futuro, elle venha a ter egual premio. E dizemos isto, porque nem sempre se poderá fallar no *Asylo Escola Agricola* sem fallar no seu generoso instituidor.

PERFIS MASCULINOS

XIX

Ha poucos annos que veio
Trabalhar, despreoccupado,
Na justiça cá do meio,
Com talento bem provado.

Viu-se mettido em gerencias,
P'ra que logo o agarraram;
E por bellas conferencias,
Porcamente o censuraram!

Orador dos de mão cheia,
Novas ideias expande;
P'ra os latidos da alcateia,
Sabe ser forte e ser grande.

Passeiou pela Galliza,
Onde viu *niñas hermosas*;
Mas na terra que hoje piza,
Outras viu mais *salerosas*!

Escreve, para a vizinha,
Sobre coisas á moderna;
Mas ella não sabe da linha;
Lê, sorri, passa-lhe a perna!

De bonita posição,
Com bons traços de *belleza*,
Usa luneta e cordão
Sem vaidade, a qual despreza.

DOIS AMIGOS.



SALA DE VISITAS

A Campanha dos Cuamatos,
por David Martins de Lima, soldado expedicionario d'infanteria 12 e Cavalleiro da Torre Espada:

Offerecido por este nosso patricio e collaborador, recebemos um exemplar d'esta interessante narrativa da gloriosa Campanha contra o aguerrido povo Cuamata, na qual uma vez mais o soldado portuguez affirmou, não só coragem e arrojado, mas tambem que não perdeu ainda as honras de ser considerado o mais ousado e soffredor.

Este livro, que tem uma forma clara d'exposi-

ção dos factos, sem rodeios de estylo e sem pretenções romancistas, honra o auctor, porque deixou aos portuguezes o conhecimento dos lances, por vezes ousados, d'esse punhado de combatentes que, guiados pelo valente Major Roçadas, engalanaram os fastos já brilhantes da historia militar portugueza com mais um feito heroico capaz de assombrar o mundo.

E' este livro editado pela Livraria Ferreira, editora, da rua Aurea, 132 a 138, Lisboa, e acha-se illustrado com bastantes gravuras. Ao seu auctor, o nosso agradecimento pela amavel offerta.

* * *

Almanach Marques Abreu

Brindou-nos o conceituado e considerado artista, proprietario dos bem montados *ateliers* de photogravura á rua de S. Lazaro, 310, Porto, Marques Abreu, com o seu esplendido *Almanach* para 1910. E' profusamente illustrado com magnificas gravuras e insere collaboração muito escolhida.

O nosso agradecimento pela offerta.

* * *

A Fé Catholica

Dirigida por Jean de France, acabamos de receber os primeiros numeros d'esta bem redigida revista quinzenal illustrada que, tanto pelo trabalho typographico como pelos artigos que insere, póde considerar-se uma das melhores que conhecemos.

Gostosamente estabelecemos permuta.

* * *

A Lyra-Porto

Recebemos este quinzenario literario, dirigido por o sr. Alvaro de Sousa. Agradecemos.

* * *

Liga d'Instrucção de Vianna

Foi-nos enviado, ha tempos, um exemplar do *Boletim mensal* da Liga d'Instrucção de Vianna do Castello.

Agradecendo gostosamente offerecemos áquelle gremio a nossa revista.